

O inimigo da nação: representações dos Estados Unidos no discurso oficial da Revolução Cubana (1959-2009)

GILIARD DA SILVA PRADO*

A história da Revolução Cubana não pode ser dissociada de suas relações antagônicas e conflituosas com os Estados Unidos, país que, pouco tempo após o triunfo revolucionário, tornou-se o principal inimigo político de Cuba. Nos mais diversos campos – militar, diplomático, ideológico, da memória, etc. – em que se travaram as lutas políticas da experiência revolucionária cubana, os Estados Unidos figuraram no polo oposto.

Embora tenha uma longa trajetória, que praticamente se confunde com a história da Revolução, a inimizade entre Cuba e Estados Unidos não se iniciou tão logo ocorreu o triunfo revolucionário. Quando os revolucionários cubanos chegaram ao poder, em janeiro de 1959, o governo por eles instaurado foi prontamente reconhecido pelos Estados Unidos. Em abril daquele ano, as relações entre os dois países ainda se mantinham estáveis, o que fica evidenciado pela visita oficial de Fidel Castro à cidade de Washington, como parte integrante de uma série de viagens diplomáticas que o líder da Revolução realizou por diversos países do continente americano.

Contudo, as relações entre Cuba e Estados Unidos não tardaram a se tornar conflituosas. A Lei de Reforma Agrária, decretada pelo governo cubano em 17 de maio de 1959, chocou-se com interesses econômicos dos Estados Unidos, que, por meio de uma nota oficial, manifestaram-se contrários a essa medida e, por conseguinte, aos rumos da Revolução Cubana, desencadeando um clima de suspeição ao qual se seguiu uma longa trajetória de confrontos entre os dois países. Foi, porém, a partir de 1960 que teve lugar o processo de acirramento dos antagonismos entre Cuba e Estados Unidos, com cada um desses países levando a efeito ações que atingiam diretamente os interesses econômicos do outro. Em julho daquele ano, os Estados Unidos reduziram de maneira significativa a cota de importação do açúcar cubano e deram continuidade à política de sanções econômicas decretando, no mês de outubro, um embargo parcial às exportações do país destinadas a Cuba. O governo cubano,

* Professor do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia - UFU (Campus Pontal); Doutor em História pela Universidade de Brasília. E-mail: <giliardprado@gmail.com>.

por sua vez, entre agosto e outubro do mesmo ano, nacionalizou propriedades e confiscou o patrimônio de empresas e bancos estadunidenses (GOTT, 2006).

A construção da inimizade entre Cuba e Estados Unidos foi processual, estando relacionada ao acirramento dos conflitos originados a partir dessas medidas econômicas adotadas por ambos os países no decorrer do segundo semestre do ano 1960. Costuma-se considerar que o surgimento dessa inimizade teve lugar no dia 03 de janeiro de 1961, data em que os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com Cuba. A fixação dessa data como um marco simbólico, dentre outros possíveis, na longa história de conflitos – econômicos, militares, diplomáticos, ideológicos, etc. – entre Cuba e Estados Unidos não deve, porém, ser dissociada da compreensão do processo de intensificação dos antagonismos que lhe antecedeu e do qual a inimizade entre as duas nações é resultante.

Não se pretende, nos limites deste texto, tratar das diversas formas de enfrentamento que compuseram a longa trajetória da inimizade entre Cuba e Estados Unidos. O interesse do presente trabalho está direcionado para os usos discursivos que os líderes da Revolução Cubana fizeram do antagonismo existente com os Estados Unidos. O objetivo é compreender, por meio de uma análise do discurso oficial da Revolução no período compreendido entre 1959 e 2009, como o processo de construção e gestão da inimizade com os Estados Unidos foi utilizado pelo regime cubano como uma estratégia fundamental para legitimar o seu poder, bem como para estabelecer uma identidade e uma memória para a experiência revolucionária.

Já nos primeiros meses da Revolução Cubana, Fidel Castro demonstrava ter consciência da importância da figura do inimigo para a construção da identidade da experiência revolucionária, aspecto evidenciado, por exemplo, na frase: “*dime quiénes son tus enemigos e te diré quién eres*” (CASTRO, 1959). No entanto, apesar de repletos de considerações sobre inimigos, os primeiros discursos do líder cubano não faziam referência direta aos Estados Unidos, ainda que este país estivesse contemplado nas caracterizações mais gerais acerca daqueles que constituíam os inimigos da Revolução e da pátria cubana, tais como: os detratores e caluniadores da Revolução; os maus políticos; os grandes monopólios e interesses da oligarquia internacional; os que eram contrários à reforma agrária, às leis revolucionárias, à livre determinação dos povos e aos governos majoritários e democráticos.

Não tardou muito, porém, para que o aumento das tensões entre Cuba e Estados Unidos fosse acompanhado por uma mudança no discurso oficial da Revolução Cubana, que passou a intensificar as críticas ao “*poderoso vecino del norte*”, sendo cada vez mais pautado

por uma lógica da confrontação, expressa, por exemplo, no lema “*¡Cuba sí, yankis no!*” (CASTRO, 1960a), entoado pelos líderes da Revolução e pelo público presente às sucessivas cerimônias comemorativas promovidas pelo regime cubano.

No relato oficial empreendido pelo governo revolucionário, a identidade da nação e do povo cubano é construída, em larga medida, a partir do contraste com a indispensável alteridade do principal inimigo: os Estados Unidos. Os discursos do regime cubano referem-se reiteradamente a aspectos culturais que incompatibilizam os dois países, enfatizando as diferenças existentes não apenas em relação à língua, mas principalmente a valores, costumes e mentalidades. Qualquer que seja o aspecto considerado, os Estados Unidos figuram sempre como o “outro”, possuindo características que o distanciam daquilo que tem sido representado como a realidade da Cuba revolucionária.

Contudo, mais do que por meio de simples diferenciações, é a partir da longa trajetória de antagonismos e embates com os Estados Unidos que se busca construir a identidade nacional cubana. Nesse processo de construção identitária, o governo revolucionário empreende uma espécie de genealogia das relações conflituosas entre os dois países. Para isso, remonta ao período das guerras de independência de Cuba contra o domínio colonial espanhol, referindo-se mais precisamente ao último ano da guerra, 1898, quando se deu o envolvimento dos Estados Unidos no conflito (SCHOULTS, 2000). Neste sentido, o governo cubano argumenta, em consonância com a interpretação de parte da historiografia sobre o tema, que a participação dos Estados Unidos na etapa final da guerra consistiu em uma manifestação de suas pretensões imperialistas em relação a Cuba (McCALLUM, 2006).

O envolvimento dos Estados Unidos na etapa final da guerra de independência cubana, as seguidas intervenções e ingerências políticas que tiveram lugar em Cuba com base nos artigos da Emenda Platt, e a cessão de parte do território do país para a instalação de uma base militar estadunidense (BANDEIRA, 1997) são alguns dos acontecimentos que fizeram com que surgisse no discurso nacionalista do país caribenho o argumento em torno da frustração dos cubanos em relação à sua plena independência e às circunstâncias em que foi instaurada a República. Essa ideia da frustração republicana foi forjada durante as primeiras décadas do século XX por meio das produções discursivas de diferentes grupos intelectuais e políticos de Cuba, país onde – a exemplo do que ocorreu em outras nações da América Latina – não se cumpriram a contento os sonhos e projetos do ideário republicano. Há, porém, uma característica que, ainda que não lhe seja exclusiva, é particularmente acentuada no caso

cubano: a primazia com que é atribuída aos Estados Unidos a culpa pelos males republicanos comparativamente às críticas que são feitas a práticas políticas da elite dirigente cubana. Neste sentido, observa-se que “*el nexo traumático con los Estados Unidos*” converteu-se em um tema central da historiografia sobre o período republicano em Cuba, cujas análises enfatizam recorrentemente o argumento da soberania “*insuficiente*” ou “*inconclusa*” e o caráter neocolonial da República (ROJAS, 1998: 75).

Quando levados em consideração tanto os acontecimentos que marcaram as primeiras décadas da história independente de Cuba quanto as interpretações já existentes na tradição intelectual do país, vê-se que os líderes da Revolução Cubana puderam dispor de excelentes matérias-primas para as suas diversas construções simbólicas, notadamente no que diz respeito à imagem do inimigo da nação. De forma muito hábil, Fidel Castro apropriou-se desses acontecimentos e interpretações do passado, utilizando-os e, quando necessário, adequando-os para produzir a narrativa oficial da história cubana em consonância com a perspectiva teleológica da experiência revolucionária.

Na construção da imagem do inimigo da pátria cubana, o governo revolucionário recorre a uma genealogia das relações com os Estados Unidos, por meio da qual apresenta a trajetória da dominação imperialista a que a ilha caribenha foi submetida no período pré-revolucionário, de modo que o povo cubano pudesse conhecer os seus “*opressores históricos*” (CASTRO, 1973). Para isso, o ponto de partida da rememoração é a última guerra de independência cubana, que “*se vio trágicamente interrumpida con la intervención militar de Estados Unidos y el establecimiento del bochornoso status de dominio neocolonial yanki, legalizado por la odiosa Enmienda Platt*” (CASTRO, 1983).

Em suas críticas ao imperialismo estadunidense, o governo cubano, mais do que apenas evocar esses acontecimentos associados ao início da fase independente do país, busca enfatizar o que representou – em termos políticos, econômicos, sociais e culturais – todo o período desse domínio neocolonial que lhe foi imposto. Desse modo, em seus sucessivos discursos, os líderes revolucionários retratam os Estados Unidos como o país que: desrespeitou os interesses e a soberania da nação cubana, ocupando o seu território com uma base militar e adotando medidas intervencionistas em relação à política do país; dominou a economia cubana, apoderando-se de riquezas naturais, explorando trabalhadores e praticando monopólios; exerceu influências corruptoras sobre a sociedade, introduzindo o vício, o jogo, e a prostituição no país; e empenhou-se em destruir os valores históricos da nacionalidade

cubana, por meio de um processo de imposição cultural e doutrinação reacionário. Referindo-se às diversas práticas imperialistas, Fidel Castro afirmou que elas “*redujeron prácticamente a cero*” (CASTRO, 2003) a soberania da nação cubana. Em outro discurso, dirigiu-se ao povo para, em um raro exercício de síntese, declarar que em Cuba “*todo lo malo viene del Norte!*” (CASTRO, 1961e).

Mesmo no pós-1959, todo o mal que chegava a Cuba continuava sendo proveniente do “Norte”. De acordo com o governo revolucionário, depois de terem frustrado a plena independência da nação cubana, convertendo-a em um domínio neocolonial, os Estados Unidos tentavam destruir a Revolução, uma vez que esta, além de ter marcado uma ruptura em relação ao período do jugo imperialista sobre a ilha caribenha, constituía-se em um perigoso exemplo para os demais países da América Latina. O triunfo revolucionário tinha posto fim ao domínio imperialista, mas, em contrapartida, desencadeado uma política de agressões do império contra Cuba. Por isso, apesar da importância da evocação da fase da República neocolonial, é principalmente a partir das relações conflituosas mantidas com os Estados Unidos no decorrer da experiência revolucionária que são construídas, como partes integrantes de um mesmo processo, as imagens da nação cubana e de seu principal inimigo.

É justamente a política de agressões dos Estados Unidos para destruir a Revolução que é priorizada no discurso oficial do regime cubano. Na cerimônia, ocorrida em 16 de abril de 1961, em homenagem às vítimas de um bombardeio realizado na véspera por aviões procedentes dos Estados Unidos, Fidel Castro declarou a finalidade pedagógica presente em sua intenção de esclarecer as estratégias e ardis utilizados pelo inimigo:

(...) para que quede una constancia histórica, para que nuestro pueblo aprenda de una vez y para siempre, y para que puedan aprender aquella parte de los pueblos de América a los que pueda llegar, aunque solo sea un rayo de luz de la verdad, le voy a explicar al pueblo, les voy a enseñar cómo proceden los imperialistas (CASTRO, 1961b).

À medida que transcorria a experiência revolucionária, acumulavam-se as denúncias dos atos agressivos praticados pelos Estados Unidos. A afirmação de que todos os males que atingiam Cuba eram causados pelo “Norte” foi ganhando, com o passar do tempo, os mais diversos exemplos: alguns comprovados; outros apenas supostos ou ainda originados em teorias conspiratórias. Reiteradas vezes, Fidel Castro listou as agressões cometidas pelos

Estados Unidos, as quais, segundo seu ponto de vista, apoiavam-se comumente em planos “tenebrosos”. Neste sentido, afirmou:

Contra nuestro pueblo se centró todo el odio del imperio yanqui. Un bloqueo implacable que dura ya casi dos décadas fue impuesto a nuestra patria, una base militar extranjera se ha mantenido en nuestro país con insolente desprecio a la voluntad y soberanía nacional. Conspiraciones, conjuras, sabotajes y agresiones de todo tipo se sucedieron durante muchos años. Tenebrosos planes de eliminación física de los líderes de la Revolución, hoy reconocidos públicamente por los propios autores, fueron elaborados y puestos en práctica por las más altas autoridades de Estados Unidos. No hubo medios, procedimientos, recursos, por ilícitos y sucios que fuesen, que no hayan sido utilizados contra nuestro país. Enfermedades y plagas capaces de aniquilar plantas y animales útiles fueron introducidas por los imperialistas en nuestra tierra (CASTRO, 1978).

Em outra ocasião, referindo-se também retrospectivamente à longa trajetória de agressões a que Cuba vinha sendo submetida, o líder da Revolução repetiu alguns dos aspectos anteriormente mencionados, mas ofereceu novos exemplos do que ele denominou de métodos ilícitos e sujos utilizados pelo império:

Sabemos los tenebrosos planes imperialistas contra nuestro país en la década del 60: sabotajes a la economía, plagas contra las plantas y los animales, defoliantes de la caña, interrupción de las lluvias bombardeando las nubes con productos químicos antes de que llegaran a nuestro país, bacterias contra el azúcar, etcétera, atentados personales contra dirigentes de la Revolución, tabacos envenenados, hongos en la ropa para ocasionar enfermedades mortales, mercenarios contratados en la mafia, fusiles de mirillas telescópicas, balas envenenadas, etcétera, etcétera (CASTRO, 1981).

Todos os atos agressivos associados aos Estados Unidos – não importando se eles tinham sido efetivamente praticados ou tão somente supostos – foram utilizados pelo governo revolucionário para construir significados em torno da nação cubana e de seu principal inimigo, mantendo assim a lógica da confrontação a que comumente recorria para compor as identidades dos dois países litigantes. Neste sentido, um dos acontecimentos mais evocados pelo regime cubano foi a fracassada invasão da Baía dos Porcos, ocorrida entre 17 e 19 de abril de 1961. Esse episódio, denominado na história oficial cubana como “*victoria de Playa Girón*”, tem sua simbologia intensamente explorada pelo governo revolucionário. Apesar de não ter sido um confronto militar direto contra tropas estadunidenses, a vitória de *Girón*

passou a ser interpretada pelo regime cubano como “*la primera derrota del imperialismo yanqui en América*” (CASTRO, 1978). Para comemorar esse feito tido como heroico, o governo revolucionário criou a condecoração “*Orden Nacional de Playa Girón*” (CASTRO, 1961d) para homenagear a todos aqueles que se destacassem, entre outros aspectos, na luta contra o colonialismo e o imperialismo.

Antes mesmo da vitória de *Playa Girón*, Fidel Castro tinha interpretado a luta da Revolução Cubana contra o imperialismo como “*la lucha de David contra Goliat: la lucha del pueblo pequeño contra el gigante imperialista cuyas largas manos alcanzan a pueblos de todos los continentes del mundo*”. Ele recorreu a essa conhecida imagem bíblica em um discurso em que declarava que, para defender a Revolução, estava disposto a enfrentar o que fosse necessário e, além disso, enfatizava a força de seu inimigo. Neste último aspecto, segundo sua avaliação, talvez estivesse “*el mayor mérito que la historia reconozca a nuestra Revolución; que no se enfrenta a un enemigo pequeño, sino a un enemigo muy poderoso*” (CASTRO, 1961a).

A interpretação do episódio de *Playa Girón* como uma vitória contra os Estados Unidos seria muito útil no decorrer da experiência revolucionária, uma vez que era evocada para demonstrar ser possível vencer o poderoso inimigo, afinal, segundo afirmara Fidel Castro, a luta da Revolução Cubana havia deixado de ser “*una lucha dentro del marco nacional, para convertirse en una lucha de los intereses de la nación contra los intereses del imperialismo*” (CASTRO, 1961a).

Outro aporte da vitória de *Playa Girón* para as estratégias de legitimação da Revolução estava no fato de ser utilizada como mais um dos pioneirismos de que se orgulhava o regime cubano, uma vez que estava relacionada à confrontação com os Estados Unidos. Recorrentemente, o governo revolucionário jactava-se do fato de Cuba – que havia sido o último país a tornar-se independente da Espanha – ter conseguido, em decorrência da Revolução, ser “*el primero en independizarse del imperialismo yanqui en este hemisferio, ¡el primero!, y el primero en llevar a cabo una revolución socialista*” (CASTRO, 1988). Após os enfrentamentos ocorridos em *Playa Girón*, Cuba ampliou a sua lista de pioneirismos, pois, conforme a interpretação de Fidel Castro, havia se tornado também o primeiro país da América a infligir uma derrota ao imperialismo.

Todas essas considerações acerca dos pioneirismos e façanhas da Revolução eram sempre acompanhadas pela afirmação de que Cuba estava apenas a 90 milhas dos Estados

Unidos. Essa proximidade geográfica em relação aos Estados Unidos era entendida, por um lado, como algo que reforçava a proeza dos cubanos, uma vez que estes tiveram a audácia de fazer uma revolução e construir o socialismo no “*patio trasero*” (CASTRO, 1993) do gigante imperialista, mas, por outro lado, era utilizada também para explicar o ódio nutrido pelo inimigo e o seu empenho em destruir a Revolução.

Como as medidas adotadas pelos Estados Unidos não estavam sendo capazes de conter o avanço da Revolução, tornaram-se mais intensos, notadamente após a fracassada invasão dissidente à Baía dos Porcos, os rumores de que Cuba poderia ser alvo de um ataque direto por parte das forças armadas estadunidenses. Esses rumores foram utilizados inclusive como pretexto para justificar a instalação, em outubro de 1962, de mísseis soviéticos em Cuba, resultando no episódio comumente designado pela historiografia internacional como “crise dos mísseis”, mas que a história oficial cubana prefere denominar de “crise de outubro”. No decorrer de pouco mais de cinquenta anos da experiência revolucionária, o país caribenho não sofreu nenhuma invasão ou ataque militar dos Estados Unidos e poucos parecem ter sido os momentos que, efetivamente, reuniram condições para que a concretização desse ataque pudesse ser considerada como algo plausível. Contudo, o argumento de que Cuba estava sob a permanente ameaça de um ataque inimigo foi habilmente explorado pelos líderes revolucionários, revestindo-se de grande utilidade para as estratégias de legitimação do regime cubano.

Ainda que tenham existido variações na ênfase com que se considerou a iminência do ataque, conforme as circunstâncias históricas, a possibilidade de os Estados Unidos deflagrarem uma guerra contra Cuba esteve sempre presente no discurso oficial do governo revolucionário. Essa ameaça de guerra foi utilizada para justificar práticas do governo, bem como para reforçar determinadas exigências feitas ao povo cubano. Com base na ideia de que, a qualquer momento, os Estados Unidos poderiam fabricar um pretexto para uma agressão militar a Cuba, exigia-se que os cubanos estivessem preparados para defender a Revolução, o que, por sua vez, implicava fomentar entre o povo uma série de atributos: unidade, disciplina, consciência revolucionária, espírito de luta e disposição ao sacrifício.

Para fazer frente à ameaça de um ataque inimigo, o governo revolucionário empenhava-se em formar um povo uno e insistia na permanente necessidade de defesa da Revolução. Neste sentido, há duas expressões que sintetizam as exigências relativas à postura a ser adotada pelo povo cubano: era preciso que todos se mantivessem “*con la guardia en*

alto” e que estivessem “*listos para vencer*”. A primeira delas constitui o lema dos Comitês de Defesa da Revolução – CDRs –, criados em 28 de setembro de 1960, com o intuito de “*implantar, frente a las campañas de agresiones del imperialismo, un sistema de vigilancia colectiva revolucionaria*” (CASTRO, 1960b). A segunda expressão está presente em um discurso no qual Fidel Castro, por ocasião de um ato comemorativo realizado em *Playa Girón*, poucos meses depois de as tropas do governo terem derrotado a invasão dissidente, destacava a importância da participação dos cubanos nas organizações de massa e nas atividades de defesa da Revolução, indicando o que era necessário ser feito para evitar que um ataque imperialista fizesse Cuba regressar ao passado pré-revolucionário:

(...) tenemos que luchar duro para vencer... tenemos que estar, no solamente en el deporte sino en la Revolución, "LPV" también, ¡listos para vencer también!, ¡listos para combatir!; por eso tenemos que estar preparados; por eso todo el que sea miliciano tiene que estar bien organizado y bien instruido, y adquirir disciplina, y adquirir preparación; y todo el que no sea miliciano, hacerse miliciano. Y, si no miliciano, del Comité de Defensa de la Revolución; si no, de la Asociación Campesina... (CASTRO, 1961e).

Recorrentemente, o governo revolucionário estimulava a crença em uma vitória diante da constante ameaça de guerra contra os Estados Unidos, chegando até mesmo a afirmar, com certa dose de humor, que “*¡Ni Mandrake el Mago!*” (CASTRO, 1964) seria capaz de destruir a Revolução. Para que fosse possível assegurar a vitória revolucionária, preconizava-se a necessidade de os cubanos estarem dispostos ao sacrifício em nome da pátria. Fidel Castro considerava que, caso se concretizasse uma invasão estrangeira no país, a guerra só terminaria com a aniquilação total de um dos oponentes, não devendo haver sequer um prisioneiro de guerra. Conclamava o povo cubano a cumprir o lema nacionalista com o qual ele tradicionalmente encerrava seus discursos: “*¡Patria o muerte!*”. Por isso, dirigia-se aos seus potenciais invasores, advertindo-os:

extranjero que invada nuestro país en son de guerra, sepa que tiene con nosotros una lucha a muerte; que nos maten, que mientras quede uno solo de nosotros, tendrá un enemigo que lo sabrá combatir nada más que en una guerra a muerte. Guerra a muerte es, sencillamente, guerra a muerte; no hay términos medios (CASTRO, 1961c).

Parte integrante da terminologia bélica que caracteriza o discurso oficial cubano, os lemas revolucionários atestam a importância da figura do inimigo da pátria na construção da

identidade revolucionária, uma vez que, em sua maioria, eles foram forjados em virtude dos usos, pelo regime cubano, da ameaça de uma guerra contra os Estados Unidos. Os lemas são importantes instrumentos a serviço da ideologia revolucionária, pois se constituem em uma espécie de síntese capaz não apenas de fixar princípios, mas principalmente de impulsionar ações. Em meio a seus extensos discursos, a repetição de alguns poucos vocábulos pelo governo revolucionário tinha o poder de fazer lembrar ao povo cubano o que lhe tinha sido prescrito e também interdito em caso de um ataque inimigo: defender a pátria até a morte; acreditar na vitória; estar de prontidão para a luta; manter-se sempre com a guarda levantada; jamais cessar fogo e tampouco se render. Constitutiva da própria gestão da ameaça de guerra, a afirmação desses princípios pelo regime cubano consistia em uma estratégia para manter o entusiasmo revolucionário do povo em face tanto de um conflito armado quanto de quaisquer outras condições adversas. Além disso, ao determinar como um revolucionário deveria agir e quais valores morais teriam que pautar a sua conduta, o regime estava definindo também o que era “ser cubano”, uma vez que todos aqueles que possuíam alguma característica que não correspondia aos requisitos estabelecidos para um revolucionário ou então que não manifestavam apoio incondicional à Revolução tinham a sua cubanidade negada, sendo apontados como traidores da pátria.

A imagem construída acerca do principal inimigo da nação cubana fez com que os lemas revolucionários associados ao antagonismo com os Estados Unidos não ficassem restritos aos dirigentes da Revolução. Também o público presente nas cerimônias comemorativas entoava lemas que evidenciavam os conflitos e a inimizade entre os dois países, tais como: "*¡Cuba sí, yankis no!*"; "*¡Fidel, seguro, a los yankis dales duro!*"; "*Fidel, Fidel, qué tiene Fidel, que los americanos no pueden con él*"; "*Fidel, aprieta, que a Cuba se respeta*"; "*¡Pin, pon, fuera, abajo Caimanera!*"; "*¡Comandante en Jefe, ordene!*"; "*¡Pa' lo que sea, Fidel, pa' lo que sea!*"; "*¡Somos socialistas, pa'lante y pa'lante, y al que no le guste que tome purgante!*"¹. Essas frases populares traduzem, em alguma medida, o apoio à postura de Fidel Castro em relação aos Estados Unidos, além de ecoarem críticas dirigidas a este país, como, por exemplo, na referência feita à Caimanera – município onde está localizada a base

¹ Como a maior parte desses lemas repete-se exaustivamente nos sucessivos discursos das comemorações das efemérides revolucionárias, são indicadas a seguir algumas datas de discursos que, tomados em conjunto, permitem localizar todos os lemas citados: 02/09/1960; 26/07/1964; 26/07/1980. Cf.: CASTRO, Fidel. **Discursos e intervenciones del Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

naval de Guantánamo –, que consistia em uma manifestação de protesto à ocupação do território cubano por forças militares estadunidenses. Os lemas revolucionários entoados pelo povo – ainda que não ofereçam condições para que se saiba a respeito da autonomia de seus autores em relação ao governo e tampouco para que se mensure o grau de adesão popular – são indicativos da presença da figura do inimigo da nação no imaginário social cubano e, conseqüentemente, de sua importância para a construção da identidade revolucionária.

Contudo, a figura do inimigo da nação não foi útil somente para reforçar as exigências feitas ao povo cubano no que diz respeito a princípios morais e modos de agir. Ela serviu também para justificar determinadas práticas do governo revolucionário, notadamente os investimentos na área de defesa nacional, que refletiam o processo de militarização do país. A permanente ameaça de uma guerra contra os Estados Unidos foi apresentada como justificativa, por exemplo, das medidas de exceção que marcaram a política repressiva do regime em relação aos opositores, mas também foi útil para explicar fragilidades econômicas de Cuba e principalmente a necessidade de priorizar as ações voltadas para a defesa militar em detrimento de outras políticas de governo. Acerca desse último aspecto, Fidel Castro afirmou:

Hay que pensar la energía que el pueblo tiene que invertir cavando trincheras, entrenando hombres, custodiando los puntos estratégicos; obreros de la construcción dedicados a hacer túneles, a hacer trincheras, a hacer fortificaciones, cuando todo el mundo sabe que nuestro deseo más caro, nuestro anhelo más ferviente es que todos los cubanos estuvieran haciendo escuelas, haciendo fábricas, haciendo casas, invirtiendo su energía y sus recursos en bien del pueblo, porque nosotros no somos un país guerrerrista. ¡Allá los yankis que gasten más de la mitad de su presupuesto en inútiles armamentos que solo sirven para destruir y para matar y para amenazar al mundo! Nosotros no somos un país guerrerrista, ni guerrerrófilos; nosotros somos un país que sencillamente nos vemos obligados a invertir esa energía humana y esos recursos por culpa de los imperialistas (CASTRO, 1961c).

Na argumentação em torno da necessidade de fortalecer a defesa da nação em face da política belicista do império, manifestam-se duas características que são recorrentes no discurso oficial do governo revolucionário. Uma delas diz respeito à atribuição da culpa pelos males cubanos aos Estados Unidos, pois, segundo Fidel Castro, o império, além de ter imposto um rígido bloqueio econômico, tinha obrigado o governo cubano “a gastos

extraordinarios en los servicios de la defensa nacional”, sendo “*el responsable principal*” pelas “*miserias*” cubanas (CASTRO, 1973). A outra característica consiste na abordagem dos antagonismos com os Estados Unidos a partir da lógica ação/reação, atribuindo a Cuba um permanente caráter reativo. Neste sentido, a trajetória de ações conflitantes entre os dois países é retratada no discurso oficial da Revolução como “*un proceso de medidas del gobierno de Estados Unidos y respuestas cubanas*” (CASTRO, 1995).

A gestão da ameaça de uma eventual guerra a ser deflagrada pelos Estados Unidos contra Cuba – assim como, de forma mais ampla, a trajetória das relações de inimizade entre os dois países – conheceu variações no decorrer da experiência revolucionária. Acompanhando, em certa medida, as mudanças ocorridas em diferentes momentos históricos, o processo de gestão da imagem do inimigo da nação cubana sofreu transformações conforme se modificavam também alguns fatores, tais como: os acontecimentos da cena política em Cuba, na América Latina e no mundo; as diretrizes da política externa dos Estados Unidos e de Cuba; os graus de entendimento ou conflito entre o governo cubano e as diferentes administrações que passaram pela Casa Branca.

Em virtude da importância da figura do inimigo para as estratégias de legitimação da Revolução e do grupo que estava no poder, as relações conflituosas com os Estados Unidos estiveram sempre presentes no discurso do regime cubano: algumas vezes as críticas fundamentavam-se em acontecimentos do presente imediato, outras vezes recorria-se à evocação de algum fato do passado; ora eram enfatizadas as confrontações envolvendo apenas os dois países, ora priorizavam-se as críticas acerca da política externa dos Estados Unidos para a América Latina e o Terceiro Mundo. Isto não significa, obviamente, que a defesa do latino-americanismo e do terceiro-mundismo consistisse em um substitutivo do nacionalismo revolucionário, até mesmo porque o governo cubano utilizou de modo conjugado essas correntes de pensamento. Todavia, apesar de terem sido importantes para manter permanentemente as referências ao inimigo, essas variações empreendidas pelo governo cubano no foco das críticas aos Estados Unidos evidenciam que as tensões envolvendo os dois países não foram ininterruptas e nem tão intensas como o discurso oficial da Revolução, em decorrência de sua intenção legitimadora e homogeneizante, buscou fazer crer.

A intensificação dos antagonismos entre os dois países esteve relacionada fundamentalmente, embora não de forma exclusiva, às ações dos Estados Unidos que tiveram como finalidade fazer fracassar a Revolução Cubana, com destaque para as medidas relativas

ao embargo comercial, no plano econômico, e aos atos de sabotagem e à ameaça de um ataque direto, no plano militar. Se, por um lado, trouxeram problemas; por outro lado, essas medidas foram bastante úteis ao governo cubano, que se valeu delas, entre outros aspectos, para justificar as fragilidades da economia cubana, bem como o processo de militarização do país, que tinha como um de seus desdobramentos o tratamento de guerra dado às questões da política. Neste sentido, mais do que os momentos precisos em que as ações foram praticadas pelos Estados Unidos, são justamente os períodos nos quais o governo revolucionário precisou recorrer às referidas justificativas que marcam a intensificação dos vantajosos usos da figura do principal inimigo da pátria cubana.

Fontes e referências bibliográficas:

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CASTRO, Fidel. **Discursos e intervenciones del Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

_____. [1959] **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración campesina, efectuada el 26 de julio de 1959 [Plaza Cívica en La Habana]**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f260759e.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

_____. [1960a] **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en conmemoración del VII Aniversario del 26 de Julio, en Las Mercedes, estribaciones de la Sierra Maestra, el 26 de julio de 1960**.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260760e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

_____. [1960b] **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, a su llegada de la Organización de las Naciones Unidas, en la concentración frente a Palacio, el 28 de septiembre de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f280960e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

_____. [1961a] **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el desfile efectuado en la Plaza Cívica, el 2 de enero de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f020161e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

_____. [1961b] **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de Doble [sic] República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la República, efectuado en 23 y 12, frente al Cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

_____. [1961c] **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, resumiendo los actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza Cívica, 1º de mayo de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

_____. [1961d] **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VIII Aniversario del Ataque al Cuartel Moncada, en la Plaza de la Revolución "José Martí", en La Habana, el 26 de julio de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f260761e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

_____. [1961e] **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura de los actos celebrados en Playa Girón, península de Zapata, el 27 de julio de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f270761e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

_____. [1964] **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario y Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba, en la concentración en conmemoración del Onceno Aniversario del 26 de Julio, efectuada en la ciudad deportiva de Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1964.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f260764e.html>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

_____. [1973] **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto central en conmemoración del XX Aniversario del Ataque al Cuartel Moncada, efectuado en el antiguo cuartel convertido hoy en escuela, en Santiago de Cuba, Oriente, el 26 de julio de 1973, "Año del XX Aniversario".** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1973/esp/f260773e.html>>. Acesso em: 02 set. 2009.

_____. [1978] **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto central nacional por el XXV Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, celebrado en la Ciudad Escolar "26 de Julio", Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1978, "Año del XI Festival".** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1978/esp/f260778e.html>>. Acesso em: 4 set. 2009.

_____. [1981] **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto central con motivo del XXVIII Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, celebrado en Las Tunas, el 26 de julio de 1981, "Año del XX Aniversario de Girón".** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1981/esp/f260781e.html>>. Acesso em: 7 set. 2009.

_____. [1983] **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXX Aniversario del Ataque al Cuartel Moncada, celebrado en Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1983, "Año del XXX Aniversario del Moncada".** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1983/esp/f260783e.html>>. Acesso em: 7 set. 2009.

_____. [1988] **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXXV Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, efectuado en la Plaza "Antonio Maceo", de Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1988, "Año 30 de la Revolución".** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1988/esp/f260788e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

_____. [1993] **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en la clausura del acto central por el XL Aniversario del Asalto a los cuarteles Moncada Y "Carlos Manuel de Céspedes", efectuado en el Teatro "Heredia", Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1993, "Año 35 de la Revolución".** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1993/esp/f260793e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

_____. [1995] **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el Aniversario 42 del Asalto a los cuarteles Moncada Y "Carlos Manuel de Céspedes", en la Plaza de la Revolución "Mariana Grajales", el 26 de julio de 1995, "Año del Centenario de la Caída de José Martí".** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1995/esp/f260795e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

_____. [2003] **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto por el Aniversario 50 del Asalto a los cuarteles Moncada y Carlos Manuel de Céspedes, efectuado en Santiago de Cuba, el 26 de julio del 2003.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2003/esp/f260703e.html>>. Acesso em: 25 set. 2009.

IBARRA, Jorge. **Historia de Cuba**: las luchas por la independencia nacional y las transformaciones estructurales (1868-1898). La Habana: Editora Política, 1996.

McCALLUM, Jack. **Leonard Wood**: Rough Rider, Surgeon, Architect of American Imperialism. New York: New York University Press, 2006.

ROJAS, Rafael. **Isla sin fin**: contribución a la crítica del nacionalismo cubano. Miami: Ediciones Universal, 1998.